O Pássaro Dam

Peter Christen Asbjørnsen e Jørgen Engebretsen Moe

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um rei que tinha doze filhas e gostava tanto delas que precisavam ficar quase sempre junto dele; mas, todos os dias, ao meio-dia, quando o rei dormia, as princesas saíam para passear. Certa vez, enquanto o rei tirava sua soneca do meio-dia e as princesas estavam fora, elas desapareceram de uma vez e não voltaram. Houve então grande dor e tristeza por todo o país; mas o mais triste de todos era o rei. Ele mandou anunciar o desaparecimento tanto em seu reino como nos estrangeiros, fez procurá-las com avisos em todas as igrejas e tocar todos os sinos por todo o país; mas as princesas tinham desaparecido e continuavam desaparecidas, e ninguém sabia o que fora feito delas; assim, bem se podia saber que algum encantamento as devia ter levado. Não demorou que isso fosse contado por toda parte, na cidade e nas aldeias, sim, por muitos países, e a notícia também chegou a um rei de terras distantes que tinha doze filhos. Quando estes souberam das doze filhas do rei, pediram ao pai licença para sair em busca delas. Ele não queria lhes dar licença para partir, pois temia nunca mais tornar a vê-los; mas eles se ajoelharam diante do rei e pediram tanto que, por fim, ele teve de deixá-los ir. Equipou-lhes um navio e pôs como piloto o cavaleiro Rød, que conhecia bem o mar.

Durante muito tempo navegaram de um lado para outro, desembarcando em todos os países a que chegavam, procurando as princesas e perguntando por elas; mas não ouviam nem descobriam notícia delas. Faltavam apenas alguns dias para completarem sete anos de navegação quando, certo dia, se levantou uma forte tempestade, um tempo tão terrível que julgaram nunca mais chegar à terra, e todos tiveram de trabalhar tanto que não pregaram os olhos

enquanto durou o temporal. Mas, pelo terceiro dia, o vento amainou e, de repente, tudo ficou inteiramente calmo. Estavam todos tão cansados do trabalho e do mau tempo que adormeceram logo; mas o filho mais novo do rei não tinha sossego e não conseguia dormir de modo algum.

Enquanto ele andava de um lado para outro no convés, o navio chegou a uma ilhazinha; nela corria um cachorrinho, latindo e ganindo para o navio, como se quisesse subir a bordo. O príncipe andava pelo convés, chamando e chamando e assobiando para o cão; quanto mais o fazia, mais ele latia e gania. Achou que era uma pena deixá-lo ali morrer, pois pensava que talvez tivesse vindo de um navio naufragado na tempestade; mas também julgava não poder ajudá-lo, porque não se acreditava capaz de pôr o bote na água sozinho, e os outros dormiam tão bem que não queria acordá-los por causa do cão. Mas o tempo estava tão claro e calmo que pensou: "Mesmo assim, tens de ir à terra salvar o cão." E começou a pôr o bote na água, o que foi mais fácil do que imaginara. Remou até a terra e foi ao encontro do cão, mas, sempre que tentava agarrá-lo, o cão saltava para o lado, e assim continuou até que, sem dar por isso, se viu dentro de um grande e belo castelo. Ali o cão se transformou de repente numa linda princesa, e num banco estava sentado um homem tão grande e medonho que ele ficou terrivelmente assustado.

— Não precisas ter medo — disse o homem; o príncipe ficou ainda mais assustado quando ouviu sua voz. — Pois sei bem o que queres: sois doze príncipes e procurais as doze princesas que desapareceram. Eu sei onde elas estão; estão com meu senhor; lá ficam sentadas, cada uma na sua cadeira, catando-lhe os piolhos, pois ele tem doze cabeças. Já navegastes sete anos, mas ainda tereis de navegar mais sete antes de encontrá-las. Tu, por tua parte, bem podias ficar aqui — disse ele — e receber minha filha; mas primeiro tens de matá-lo, pois é um senhor severo conosco, de quem todos estamos fartos, e,

quando ele morrer, serei rei em seu lugar. Mas experimenta agora se consegues manejar a espada — disse o troll.

O príncipe pegou numa espada velha e enferrujada que pendia na parede, mas mal conseguia movê-la.

— Então bebe um gole desta garrafa — disse o troll.

Depois de fazê-lo, conseguiu movê-la; depois de mais um gole, conseguiu levantá-la; depois de outro ainda, pôde manejar a espada com tanta facilidade como se fosse a sua própria.

— Quando voltares a bordo — disse o príncipe troll — deves esconder bem a espada no teu beliche, para que o cavaleiro Rød não a veja; ele não é capaz de manejá-la, mas, mesmo assim, ficará com ódio de ti e atentará contra tua vida. Quando passarem mais sete anos, faltando três dias — continuou — acontecerá exatamente como agora: virá sobre vós um temporal com tempestade e, quando passar, ficareis todos sonolentos; então deves pegar a espada e remar até a terra, onde chegarás a um castelo guardado por toda espécie de sentinelas, lobos, ursos e leões; mas não precisas ter medo deles, pois todos cairão a teus pés. Quando entrares no castelo, verás que ele está sentado numa sala magnífica, muito bem arranjado e enfeitado; mas tem doze cabeças, e as princesas ficam sentadas, cada qual na sua cadeira, catando os piolhos de uma cabeça. Bem podes imaginar que elas não gostam desse trabalho. Então deves te apressar e cortar uma cabeça depois da outra; pois, se ele acordar e te vir, te engolirá vivo.

O príncipe voltou a bordo com a espada e guardou bem na memória o que lhe fora dito. Os outros ainda estavam dormindo, e ele escondeu a espada no beliche, de modo que nem o cavaleiro Rød nem nenhum dos demais a viu. Começou a ventar de novo, e ele acordou os outros, dizendo que não achava

certo continuarem dormindo com um vento tão favorável. Ninguém percebeu que ele tinha estado fora.

Quando os sete anos estavam por terminar, faltando três dias, tudo aconteceu como o troll dissera. Veio uma forte tempestade, um temporal que durou três dias; quando passou, todos ficaram sonolentos pelo trabalho e se deitaram; mas o príncipe mais novo remou até a terra, e as sentinelas caíram a seus pés, e assim ele chegou ao castelo. Quando entrou na sala, o rei estava sentado, dormindo, como o príncipe troll dissera, e as doze princesas estavam, cada qual na sua cadeira, catando os piolhos de uma cabeça. O príncipe fez sinais às princesas para que saíssem do caminho; elas apontaram para o troll e lhe fizeram sinais para ir embora depressa, mas ele continuou gesticulando para que saíssem do caminho; então compreenderam que ele queria salvá-las e se afastaram devagar, uma depois da outra, e, com a mesma rapidez, ele cortou as cabeças do rei dos trolls, até que o sangue correu como um grande riacho. Morto o troll, remou de volta a bordo e escondeu a espada; achava que já fizera o bastante e, como não conseguia dar conta de remover o cadáver, queria que os outros também ajudassem um pouco.

Por isso os acordou e disse que era uma vergonha ficarem deitados dormindo enquanto ele encontrara as princesas e as salvara do troll. Os outros apenas riram dele e disseram que certamente dormira tão bem quanto eles, ou até melhor, e sonhara que era um grande homem assim; se alguém tivesse salvado as princesas, era muito mais provável que tivesse sido um deles. Mas o príncipe mais novo contou como tudo acontecera; quando foram com ele à terra e viram primeiro o riacho de sangue, depois o castelo e o troll, as doze cabeças e as princesas, reconheceram que dissera a verdade; então ajudaram a jogar as cabeças e o corpo inteiro no mar. Estavam todos alegres e satisfeitos; mas ninguém estava mais alegre que as princesas, livres de passar o dia inteiro catando os piolhos do troll. Do ouro, da prata e dos objetos preciosos que

havia ali levaram tanto quanto o navio podia carregar, e todos subiram a bordo, príncipes e princesas.

Mas, quando já estavam um pouco longe da costa, as princesas disseram que, na alegria, tinham esquecido suas coroas de ouro; estavam num armário, e elas queriam levá-las. Como nenhum dos outros queria buscá-las, o príncipe mais novo disse:

— Já arrisquei tanto antes que bem posso ir buscar também as coroas de ouro, se baixardes as velas e esperardes até eu voltar.

Sim, fariam isso. Mas, quando ele já se afastara tanto que não o viam mais, o cavaleiro Rød, que queria ser o mais importante e ficar com a princesa mais nova, disse que não adiantava ficarem parados esperando por ele, pois bem deviam saber que nunca voltaria; eles sabiam, disse, que o rei lhe dera, a ele, cavaleiro Rød, poder e autoridade para navegar quando quisesse; deviam dizer que ele salvara as princesas, e, se alguém dissesse outra coisa, perderia a vida. Os príncipes não ousaram fazer senão o que o cavaleiro Rød queria, e partiram.

Enquanto isso, o príncipe mais novo remou até a terra, entrou no castelo, encontrou o armário com as coroas de ouro e trabalhou duramente até levá-lo para o bote; mas, quando chegou ao lugar de onde podia ver o navio, ele tinha desaparecido. Como não o via em direção alguma, pôde compreender bem o que acontecera; não adiantaria remar atrás dele, e teve de dar meia-volta e remar para a terra outra vez. Tinha medo de passar a noite sozinho no castelo, mas não havia outra casa onde ficar; então tomou coragem, trancou todas as portas e portões e se deitou num quarto em que havia uma cama arrumada. Estava aflito e assustado; ficou ainda mais assustado depois de estar deitado por algum tempo, quando os telhados e as paredes começaram a ranger e

estalar, como se o castelo inteiro fosse se partir. De repente, algo caiu com um baque ao lado da cama, como uma carga inteira de feno. Tudo se aquietou de novo, mas ele ouviu uma voz que lhe dizia para não ter medo:

"Eu sou o pássaro Dam,
Que vai te ajudar a seguir adiante.

Mas, assim que acordares amanhã, deves ir ao celeiro buscar quatro barris de centeio para mim; preciso comê-los no desjejum, senão não posso fazer nada."

Quando acordou, viu um pássaro terrivelmente grande, com uma pena na nuca tão grossa quanto um abeto próprio para vigas, ainda meio crescido. O príncipe foi ao celeiro buscar quatro barris de centeio para o pássaro Dam; depois de devorá-los, a ave pediu ao príncipe que pendurasse o armário com as coroas de ouro de um lado de seu pescoço e, do outro, tanto ouro e prata quanto bastasse para fazer o mesmo peso; depois lhe pediu que montasse em suas costas e se segurasse bem na pena da nuca. Partiram, zunindo pelo ar, e não demorou que passassem pelo navio. O príncipe queria subir a bordo para buscar a espada, pois tinha medo de que alguém a visse, e o troll dissera que isso não devia acontecer; mas o pássaro Dam disse que não era possível.

— O cavaleiro Rød certamente não a verá — disse a ave — mas, se subires a bordo, ele atentará contra tua vida, pois quer a princesa mais nova; quanto a ela, podes ficar inteiramente tranquilo, porque todas as noites põe uma espada desembainhada diante de si na cama.

Depois de muito tempo chegaram ao príncipe troll, e o príncipe foi tão bem recebido que aquilo não tinha fim. O príncipe troll não sabia que bem lhe fazer, por ter matado seu senhor e feito dele rei. O príncipe bem poderia ter recebido sua filha e a metade do país e do reino. Mas agora tinha tomado tamanho afeto pela mais nova das doze princesas que nunca tinha sossego e

insistia em partir, uma vez depois da outra. O troll lhe pediu que esperasse tranquilamente mais algum tempo e disse que eles ainda tinham quase sete anos de navegação antes de chegar em casa. A respeito da princesa, o troll disse o mesmo que o pássaro Dam:

— Quanto a ela, podes ficar tranquilo; pois põe uma espada desembainhada diante de si na cama. E, se não acreditas em mim — disse o troll — podes subir a bordo quando passarem por aqui, ver com teus próprios olhos e buscar a espada; de qualquer forma, tens de me devolvê-la.

Quando passaram por ali, houvera outra tempestade, e, ao chegar a bordo, o príncipe encontrou todos dormindo; cada princesa estava deitada com seu príncipe, mas a mais nova estava sozinha, com uma espada desembainhada diante de si na cama, e no chão, diante da cama, estava deitado o cavaleiro Rød. O príncipe pegou a espada e remou de volta à terra, sem que nenhum deles percebesse que estivera a bordo.

Mas o príncipe ainda não tinha sossego e queria partir muitas vezes; quando, por fim, os sete anos se aproximavam do fim e só faltavam umas três semanas, o rei dos trolls disse:

— Agora podes te preparar para partir, já que não queres ficar conosco; vou te emprestar um barco de ferro que anda sozinho, basta dizeres: “Barco, segue em frente!” No barco há uma clava de ferro, e deves levantá-la quando vires o navio bem à tua frente; eles terão então um vento tão favorável que se esquecerão de olhar para ti. Quando estiveres ao lado do navio, deves levantar de novo a clava de ferro; virá uma tempestade tão grande que terão mais o que fazer do que espiar-te; quando os tiveres ultrapassado, deves levantar a clava pela terceira vez; mas sempre deves tornar a pousá-la com cuidado, senão virá um temporal em que tanto tu como eles naufragarão. Depois que chegares à

terra, não precisas mais te preocupar com o barco; basta empurrá-lo para a água, virá-lo e dizer: “Barco, volta para casa!”

Quando partiu, recebeu tanto ouro e prata, tantas outras coisas preciosas, roupas e peças de linho que a princesa troll lhe costurara durante aquele longo tempo, que ficou muito mais rico do que qualquer dos irmãos. Mal se sentou no barco e disse: “Barco, segue em frente!”, o barco partiu; quando viu o navio bem diante de si, levantou a clava, e eles tiveram um vento tão favorável que se esqueceram de olhar para ele. Quando chegou ao lado do navio, levantou a clava de ferro outra vez; veio então uma tempestade tão grande e um tempo tão terrível que a espuma branca cercou o navio e as ondas varreram o convés, e eles tiveram mais o que fazer do que espiá-lo; depois que os ultrapassou, levantou a clava pela terceira vez, e eles ficaram tão ocupados que não tiveram tempo algum de ver quem era. Chegou à terra muito, muito antes do navio; depois de tirar do barco tudo o que era seu, empurrou-o para a água de novo, virou-o e disse: “Barco, volta para casa!”, e o barco partiu.

Ele próprio se disfarçou de marinheiro — se o rei dos trolls lhe ensinara isso ou se fora ideia sua, deixarei sem dizer — e foi a uma cabana miserável, onde morava uma velha, a quem fez acreditar que era um pobre marujo, que estivera num grande navio naufragado e fora o único a ser salvo; então pediu se ela não lhe daria pousada, a ele e às coisas que salvara.

— Deus me valha — disse a mulher. — Não posso dar pousada a ninguém; vedes como isto é aqui; nem eu mesma tenho onde me deitar, muito menos algo em que possa deixar outros se deitarem.

Sim, isso tanto fazia, disse o marinheiro; contanto que tivesse um teto sobre a cabeça, tanto fazia como se deitaria; ela não podia lhe negar abrigo se ele aceitava se acomodar do jeito que ela vivia. À noite ele levou suas coisas para

dentro, e logo a velha, que gostava de saber novidades para espalhar, começou a perguntar quem era ele, de onde vinha, onde estivera, aonde ia, o que trazia consigo, que missão o levava a viajar, se não ouvira falar das doze princesas que tinham desaparecido havia muitos anos do Senhor, e ainda tantas outras coisas que ficaria tarde demais para contá-las. Mas ele disse que estava tão mal e com tanta dor de cabeça por causa do terrível temporal que não sabia coisa alguma direito. Ela precisava deixá-lo descansar alguns dias, até se recuperar do trabalho pesado que tivera no temporal; então ficaria sabendo tudo o que quisesse.

No dia seguinte a velha começou de novo a perguntar e a remexer, mas o marinheiro ainda tinha tanta dor de cabeça por causa do tempo que não sabia coisa alguma direito; de repente, porém, deixou escapar uma palavra, dizendo que sabia um pouco das princesas. A velha correu imediatamente a contar o que soubera a todas as mexeriqueiras das redondezas, e logo vinha uma atrás da outra correndo perguntar pelas princesas: se ele as tinha visto, se chegariam logo, se estavam a caminho e assim por diante. Ele ainda se queixava de dor de cabeça por causa do temporal e dizia não poder informar tudo; mas disse que, se elas não tivessem naufragado no forte temporal que houvera, chegariam dali a uns catorze dias, talvez antes; não podia dizer com certeza se ainda estavam vivas, pois as tinha visto, mas podiam ter morrido depois no temporal. Uma das velhas correu então ao palácio e disse que, na cabana de tal velha, estava um marinheiro que tinha visto as princesas, e elas chegariam dali a uns catorze dias, ou talvez oito. Quando o rei ouviu isso, mandou chamar o marinheiro para vir contar pessoalmente.

— Não estou em condições de me apresentar — disse o marujo — pois não tenho roupas com que possa comparecer diante dele.

Mas o mensageiro do rei insistiu em que viesse; o rei queria e precisava falar com ele, fosse como fosse sua aparência, pois até então ninguém conseguira trazer-lhe notícias das princesas. Ele foi, por fim, ao palácio e se apresentou ao rei, que lhe perguntou se era verdade que tinha visto as princesas.

— Sim, vi — disse o marinheiro — mas não posso saber se ainda vivem, pois, quando as vi, houve um temporal tão grande que naufragamos; mas, se ainda existem, chegarão dali a uns catorze dias, talvez antes.

Ao ouvir isso, o rei quase ficou fora de si de alegria. Quando se aproximou o tempo em que, segundo o marinheiro, elas deviam chegar, o rei foi ao encontro delas na praia, com toda a pompa, e houve grande alegria por todo o país quando o navio chegou com as princesas, os príncipes e o cavaleiro Rød; mas ninguém estava mais alegre que o velho rei, que recuperara suas filhas. As onze princesas mais velhas também estavam alegres e contentes; mas a mais nova, que devia se casar com o cavaleiro Rød, que dizia tê-las salvado e matado o troll, chorava e estava sempre triste. Isso desagradava ao rei, que perguntou por que não estava alegre e contente como as outras princesas; agora não tinha motivo para tristeza, pois escapara do troll e ia receber um marido como o cavaleiro Rød. Mas ela não ousava dizer nada, porque o cavaleiro Rød dissera que mataria quem contasse como tudo acontecera.

Certo dia, enquanto costuravam os trajes de casamento, entrou alguém com um grande casacão de marinheiro e um armário de mascate às costas, perguntando se as princesas não queriam comprar-lhe enfeites para o casamento; ele tinha muitas coisas raras e preciosas, de ouro e de prata. Sim, bem podia ser. Examinaram as mercadorias e olharam para ele, pois lhes parecia reconhecer tanto o homem como muitas das coisas que trazia.

— Quem tem tantos enfeites magníficos — disse a princesa mais nova — certamente tem algo ainda mais magnífico e que nos serviria ainda melhor.

— Bem pode ser — disse o mascate.

Mas os demais a fizeram calar e lhe pediram que se lembrasse do que o cavaleiro Rød prometera. Algum tempo depois, certo dia, as princesas estavam à janela quando o príncipe voltou, vestindo o grande casacão de marinheiro e trazendo às costas o armário com as coroas de ouro. Entrou no grande salão do palácio e abriu o armário diante das princesas. Quando cada uma reconheceu sua coroa de ouro, a mais nova disse:

— Acho justo que quem nos salvou receba a recompensa que merece; e não foi o cavaleiro Rød, mas aquele que trouxe nossas coroas de ouro — foi ele quem nos salvou.

Então o príncipe tirou o casacão de marinheiro e ali ficou, muito mais magnífico que todos os outros; o velho rei mandou matar o cavaleiro Rød. Só então ficaram de verdade felizes no palácio; cada um tomou a sua, e houve um casamento de que se ouviu falar e se soube por doze reinos.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-passaro-dam-asbjornsen-moe